

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**

RAÍSSA BARBOSA MENDONÇA

**ANÁLISE DE MANIFESTAÇÕES MACHISTAS DENTRO DAS MÍDIAS SOCIAIS:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS**

ALFENAS – MG

2023

RAÍSSA BARBOSA MENDONÇA

**ANÁLISE DE MANIFESTAÇÕES MACHISTAS DENTRO DAS MÍDIAS SOCIAIS:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras-Português junto à Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr.

ALFENAS – MG

2023

RAÍSSA BARBOSA MENDONÇA

ANÁLISE DE MANIFESTAÇÕES MACHISTAS DENTRO DAS MÍDIAS SOCIAIS: UMA
ABORDAGEM A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova a Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras-Português da Universidade Federal de Alfnas.

Aprovada em: _____

Dr. Celso Ferrarezi Jr.

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

Assinatura: _____

Dra. Rosângela Rodrigues Borges

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

Assinatura: _____

Ms. Amanda Naves Berchez

Instituição: Universidade Federal de Alfnas – UNIFAL-MG

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou e a Deus que me acompanhou, amou e abençoou mesmo frente com a minhas falhas.

AGRADECIMENTOS

Chega o fim de mais uma jornada em minha vida, aquela pela qual tanto esperei e que desejei. Foram quase cinco anos de muita luta, resistência e amadurecimento. São quase 22 anos de vida vividos por mim e, nesses cinco anos de aprendizado, pude me conhecer melhor e entender um pouco mais do mundo à minha volta. Na verdade, não consigo reconhecer um fim, pois acredito que a vida seja feita de começos e recomeços. Aquilo que cultivei, levarei comigo para sempre.

Não posso deixar de agradecer, primeiramente, a minha mãe, que não queria a minha partida, mas entendeu que eu precisava voar e construir o meu destino sozinha. Foi ela quem me apoiou e me mandou todo o amor quando eu mais precisava. É ela minha principal fonte de inspiração e desejo de mudança. Segundamente, o meu pai, que me socorreu e atendeu todas as minhas necessidades com eu apoio, compreensão, carinho e amor. Sem ele, eu não teria chegado até aqui e todo o meu esforço é por ele. Meus irmãos, Rapha e Lipe, que me fizeram falta durante todos os dias que estive longe, são minhas razões de vida e as pessoas que mais amo.

Na vida acadêmica, é preciso cultivar o que mais há de puro em nossa existência, a amizade. Por isso, agradeço a minhas parceiras de equipe Chandra, Marina, Laila e Victória, que me acompanharam durante todo o meu trajeto acadêmico e compartilharam comigo as conquistas, os desesperos e muitos sorrisos.

Por fim, mas não menos importante, aos meus professores que me auxiliaram e transmitiram conhecimento, sabedoria e me proporcionaram diversos novos caminhos. Um deles, pelo qual tenho orgulho de afirmar que farei parte da docência, a profissão que transforma o futuro de outras pessoas. Assim, agradeço pessoalmente ao meu querido professor e orientador, Celso Ferrarezi Jr., que com sua empatia e bondade me ajudou a concluir este projeto.

Trata-se do fim de uma trajetória que ficará marcada eternamente em minha vida: durante todo esse tempo, eu cresci e pude enxergar o mundo com outros olhos. E foi muito especial passar por isso ao lado de pessoas incríveis que fizeram a diferença.

A palavra é o meu domínio sobre o mundo.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Hodiernamente, milhares de pessoas se utilizam das mídias sociais como meio de trabalho, forma de conexão ou mero lazer. Estima-se que as mulheres ocupem o total de 54,7% do público total dos ocupantes nas plataformas. Porém, existe algo que as apavora dentro de tais ambientes, as amedronta, aflige e muitas vezes, as cala: o machismo. O objetivo deste trabalho é a análise de manifestações de machismo nesse ambiente virtual, onde a prática avança cada vez mais. Tais manifestações serão estudadas de acordo com a teoria da Semântica Cultural, a partir de um quadro ideológico. Para evidenciar tal prática, foram catalogados comentários preconceituosos direcionados a mulheres em suas contas particulares, perfis criados por anônimos e páginas de sucesso que contêm um grande número de seguidores. Esses comentários foram coletados nas plataformas Facebook e Instagram, em ambientes de domínio público. Vemos que sua forma preconceituosa é carregada de ofensas e são depositados com o aparente intuito de denegrir a imagem da mulher, impedindo a ocupação de espaços nos ambientes sociais. Como resultado da pesquisa, espera-se que este trabalho possa gerar mais clareza no que diz respeito a essa prática preconceituosa e, quem sabe, contribuir para a geração de mais respeito para com o ser humano.

Palavras-chaves: Preconceito; Machismo; Mulher e sociedade; Mídias sociais; Internet.

ABSTRACT

Nowadays, thousands of people use social media as a means of work, a form of connection or mere leisure. It is estimated that women occupy a total of 54.7% of the total audience of occupants on platforms. However, there is something that terrifies them within such environments, frightens them, afflicts them and often silences them: machismo. The objective of this work is the analysis of manifestations of machismo in this virtual environment, where the practice advances more and more. Such manifestations will be studied according to the theory of Cultural Semantics, from an ideological framework. To demonstrate this practice, prejudiced comments directed at women were cataloged in their private accounts, profiles created by anonymous people and successful pages that have a large number of followers. These comments were collected on Facebook and Instagram platforms, in public domain environments. We see that their prejudiced form is loaded with offenses and are deposited with the apparent intention of denigrating the image of women, preventing the occupation of spaces in social environments. As a result of the research, it is hoped that this work can generate more clarity with regard to this prejudiced practice and, who knows, contribute to generating more respect for human beings.

Keywords: Prejudice; Male chauvinism; Woman and society; Social media; Internet.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. MACHISMO: PRECONCEITO ESTRUTURAL	12
2.1 O MACHISMO COM FORMA DE LINGUAGEM E ATO DE FALA	15
3. BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE E DA METODOLOGIA	18
3.1. METODOLOGIA DE PESQUISA	21
4. ANÁLISE DE MANIFESTÇÕES MACHISTAS DENTRO DAS MÍDIAS SOCIAIS: A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	37

1. INTRODUÇÃO

“Durante o longo período histórico em que as mulheres ficaram confinadas ao lar, suas vozes nunca foram ouvidas, seus problemas específicos não foram solucionados, suas reivindicações não foram atendidas, seus defeitos não foram respeitados” (PINSKY, 2013, p. 17). A presente citação foi retirada do livro “12 Faces do Preconceito”, uma das obras utilizadas como referência de estudo para a construção deste trabalho. A partir da reflexão trazida pelo autor, percebe-se que uma mudança se tornou presente, hodiernamente: nós mulheres conquistamos inúmeros direitos, ganhamos voz e destaque na Ciência, na Educação e principalmente, na Política.

A pesquisa deste trabalho foi construída através de um quadro ideológico e cultural, presente na Semântica de Contextos e Cenários. Em suma, foram realizadas coletas de comentários machistas depositados em publicações de domínio público no Facebook, no Instagram e Twitter. Tais manifestações trazem, em seu âmbito, agressões, “linchamentos” morais e ódio gratuito, depositados de forma irresponsável em perfis públicos de mulheres que utilizam das redes sociais como meio de trabalho, lazer ou em seu cotidiano.

Atualmente, as mulheres são o maior público das mídias sociais. No Brasil elas ocupam, no Instagram, 56,7% e, no Facebook, 53,3% das contas de usuários. Por conta do grande alcance que esses aplicativos têm sobre o mundo cotidiano, muitas pessoas acabam se esquecendo de que, dentro dessas “terras”, também existem leis e, por isso, muitas mulheres acabam se deparando com ataques machistas após relatarem suas vidas, seus hábitos e mostrando seus corpos através das telas.

Muitos desses comentários são depositados com as piores intenções, são agressivos e conturbam a vida de quem os recebe. Roger Droit (2017) explica, no livro *Tolerância*, que a guerra e a violência estão dentro da pessoa que acredita que somente o seu universo particular é único e válido. É dessa forma que surgem barreiras entre os seres humanos - e a impetuosidade, o ódio e a guerra ganham força.

No livro “A Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários”, de Celso Ferrarezi Júnior, se mostra como as semânticas culturais podem contribuir no estudo de manifestações como as do machismo nas redes sociais. Em seus escritos, o autor cita que elas: “estudam a relação entre os sentidos atribuídos às palavras (e demais expressões) de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida”.

Em outras palavras pode-se afirmar que o objeto da presente pesquisa faz parte de algo *culturalmente determinado*, ou seja, inclui-se na “dimensão dos aspectos ântropo-culturais” da linguagem e é relacionado à *visão de mundo* de uma determinada comunidade ou de um só indivíduo. Aliás, algo que também nos permite refletir sobre a questão do machismo, é que ele está integrado em uma construção de sentidos sociais de longa data e é associado a linguagem não porque a língua seja machista, como creem alguns, mas porque pessoas são machistas e fazem uso machista da linguagem.

Ainda refletindo sobre o livro escrito por Ferrarezi, a língua pode ser entendida como “um sistema aberto, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem como esses mesmos mundos” (p.14). Ou seja, ela não só parte de uma cultura antepassada, como também é presente nos dias atuais e, por isso mesmo, reflete a visão de mundo de um ser individual e/ou de uma comunidade inteira.

Assim, para a construção desta pesquisa, foram realizadas análises das “implicações ideológicas do procedimento de construção do texto e da atribuição de sentidos”. Basicamente, foram definidas e analisadas as questões de caráter ideológico referentes aos valores culturais presentes no que é o machismo na sociedade brasileira e verificados como tal objeto de estudo interfere na interação de indivíduos dentro das redes sociais.

Pretende-se com essas análises, evidenciar que existe uma cultura estrutural do machismo no Brasil e como prova de sua existência, manifestações reais estão presentes neste trabalho. Também, serão pontuadas as estratégias discursivas dessas manifestações, para demonstrar como podem atingir inúmeras mulheres.

Para a realização do trabalho, o conteúdo foi dividido nas seguintes partes:

Na primeira parte está presente uma introdução sobre o que é o Machismo, de onde ele é proveniente e os principais conceitos por trás dessa forma preconceito dirigido às mulheres.

Já na segunda parte, serão introduzidas considerações sobre como esse fenômeno se comporta nos dias atuais e como diversos estudiosos o citam em seus estudos.

Por fim, na terceira e última parte, os dados que foram recolhidos serão analisados e expostos em seu conteúdo, sempre protegendo as imagens tanto dos que verbalizaram tal preconceito, quanto daquelas que receberam a injúria.

2. MACHISMO: PRECONCEITO ESTRUTURAL

O machismo está presente no cotidiano da sociedade brasileira e, portanto das mulheres que também a compõem. Ele pode ser considerado estrutural, porque afeta o comportamento geral dos homens e da sociedade, sendo reproduzido inclusive em âmbito institucional. Não se trata apenas de agressões físicas: ele também é manifestado de forma verbal, como no caso do objeto de estudo deste trabalho, mas na forma de salários menores para mulheres que exercem as mesmas funções de homens, na forma de restrições de ingresso em certos grupos sociais, na forma de segregação em grupos religiosos, enfim, de diversas maneiras.

É possível entender o machismo como um falso sentimento de superioridade masculina alimentado em homens (e em mulheres!) desde a infância. Por isso, ele não acontece apenas do sexo masculino para com o feminino. Evidentemente, mulheres também cometem e manifestam o machismo ao interagir com outras mulheres e até para falar de si mesmas.

“Para historiadores, a questão mais importante e significativa é: como, quando e por que a submissão feminina passou a existir?” (LERNER, 2019, p.53). A autora Gerda Lerner responde a esta pergunta, justificando que “a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus.” (LERNER, 2019, p. 53). Ou seja, pode-se considerar que o machismo é proveniente de uma sociedade patriarcal, construída a partir de interpretações imprecisas das mitologias que foram escritas há milhares de anos atrás. Com isso, o machismo recebe um fundamento religioso que, embora falso, se torna quase incontestável na mente de muitas pessoas.

A criação da mulher pela costela de Adão é um exemplo de uma interpretação equivocada e literal. Muitos acreditam que isso aponta para a inferioridade da mulher perante ao homem, algo que foi concedido por Deus. É evidente que essa visão tem um significado totalmente patriarcal e mal compreendido. Raquel Speght, argumentando sobre o tema, aponta que “Ela não foi criada a partir do pé de Adão, para que fosse inferior a ele, e tampouco da cabeça, para que fosse superior, mas de sua lateral, próximo ao coração, para que fosse igual a ele.”

No livro “A criação do Patriarcado”, a autora faz inúmeras críticas às más interpretações provenientes da Bíblia sobre esse tema. Em uma delas, diz:

“Eis aqui o aspecto redentor da doutrina bíblica da divisão de trabalho entre os sexos; não só o homem deve trabalhar com o suor de seu rosto e a mulher dar à luz com dor, mas também homens e mulheres mortais dependem da função redentora e geradora de vida da mãe para a única imortalidade que deverão vivenciar.” (LERNER, 2019, p.327).

Semelhante aos pensamentos da autora, estão as proposições de Gilberto Freyre (1998), ele acentua que o machismo no Brasil é proveniente de uma escravatura exacerbada e injusta, que ocorria a partir de crueldades obscenas, realizadas com base em uma estrutura racial que desumanizava as mulheres pretas nascidas ou trazidas para o país. Tal pensamento relaciona-se com o que Gerda Lerner (2019) propôs em seus estudos sobre a criação do patriarcado. Para esta autora, a dependência que as mulheres tinham para com seus maridos e pais se tornou algo comum e “natural” aos olhos da sociedade, com isso, suas “obrigações” acabavam sendo delimitadas principalmente a “serviços” sexuais e reprodutivos.

Contudo, embora muito dessa estrutura econômica e social tenha ficado no passado e a maioria das mulheres tenham se tornado responsáveis por si e presentes em diversos espaços sociais que não ocupavam antes, os fatores ideológico e cultural, ainda fundamentam boa parte dessa visão de mundo. Isso resulta em subjugação das mulheres, diversas formas de assédio, restrições à ocupação de espaços sociais e, infelizmente, até em atos fatais, como o feminicídio.

Outro aspecto de cunho religioso que se mantém vivo em muitas sociedades humanas é a errônea atribuição do “pecado original” às mulheres. Na maioria das religiões orientais e no islamismo, por exemplo, as mulheres são consideradas responsáveis diretas e únicas pelo surgimento do pecado no mundo e, por isso mesmo, consideradas irremediavelmente culpadas pelo sofrimento da humanidade, o que justificaria seu tratamento desigual. No cristianismo, embora a Bíblia diga claramente que “como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” (Romanos 05: 12), ainda assim elas são consideradas culpadas pela origem do mal na Terra, o que é repetido em muitos documentos oficiais católicos. Em uma Bula do papa Inocêncio VIII, datada de 1484, por exemplo, diz-se:

“Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza? [...] A mulher, que solitária medita, medita no mal. [...] E, por serem mais fracas na mente e no corpo, não impressiona que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria. [...] Mas, a razão natural disso é que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação

da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, ela sempre decepciona e mente.” (Malleus Maleficarum, pp. 115-6)

Em suma, a visão tradicional da Igreja Romana, alimentada por séculos a fio, embora contrária à visão escriturística, é de que Deus errou na criação das mulheres, que saíram das mãos divinas como “animais imperfeitos” e, por isso mesmo, foram as ocasionadoras do pecado original. Essa visão, se alimentada, há de ter consequências estruturantes no ambiente social, sem dúvida alguma.

Mas, o fator biológico também interfere na distinção e anulação do sexo feminino. Isto está de acordo com o que é citado por Jaime Pinsky (2013). Em uma de suas obras, é observado que o machismo se impulsiona a partir diferença biológica, pois, estas são usadas para inferiorizar as mulheres. O argumento mais utilizado para evidenciar esse pensamento é a diferença de força física entre o corpo feminino em comparação com o masculino. No campo social, a pequena presença feminina na política, na magistratura, na economia, entre outras áreas “nobres” de atuação, é, por muitos, atribuída a uma menor inteligência decorrente do menor tamanho da massa cerebral.

Outra crítica nesse sentido é feita também pela autora Gerda Lerner (2019, p. 243), ela pontua que o status da mulher é definido de forma diferente do status do homem da mesma classe, ou seja, mesmo que a mulher tenha se provado competente e inteligente para realizar as mesmas tarefas. Isso é presente hodiernamente, o que evidencia que há uma separação estrutural entre os sexos:

“Com a Eva caída da Bíblia e a mulher como o homem mutilado de Aristóteles, vemos o surgimento de dois constructos simbólicos que afirmam e admitem a existência de dois tipos de seres humanos – o homem e a mulher – diferentes em essência, função e potencial.”. (LERNER, p. 348, 349).

Assim, seja qual for a justificativa utilizada, o machismo é presente no dia a dia de todas as mulheres, independente do cargo que elas ocupam, da sua posição social ou da presença de grandes figuras femininas que surgem para evidenciar que a superioridade intelectual do homem perante a mulher é uma tolice prejudicial a ambos os sexos.

No livro de Ferrarezi Jr. (2018), pontua-se que todo ato linguístico é uma parte de um evento e isso faz com a fala humana sempre esteja diretamente ligada aos elementos que constituem tal evento. Ou seja, a expressão linguística do machismo é algo que está vinculado

às memórias culturais presentes de uma maneira estrutural na visão de mundo das pessoas.

Outro ponto a ser debatido, é que para o falante buscar esses elementos em suas memórias vivenciais, é necessária a concorrência de um cenário, que não apenas contribui para a compreensão do que se diz, mas define os sentidos do que se diz. Vejamos:

quando um falante natural, inserido em um evento, faz deste uma leitura para construir o cenário em que a fala será plenificada e terá seu sentido devidamente especializado, ele leva em conta muito mais do que aquilo que foi dito... problemas de relacionamento anteriores entre os interlocutores podem constituir um fato decisivo na definição do sentido do que se diz. Da mesma forma, imagens sociais constituídas pelos falantes, uns dos outros e sobre si mesmos, também interferem diretamente nesse tipo de definição. (p.25)

Ou seja, o machismo é também parte de uma estrutura ideológica presente na cultura de indivíduos como constituinte de suas visões de mundo. Sua expressão linguística acaba se tornando uma forma de linguagem que dilacera relações entre seres.

Enfim, homens e mulheres não são biologicamente iguais e nem devem ser. Mas, cumpre que aspectos biológicos não justifiquem o injustificável. Cumpre que seja uma luta de todos uma busca de equidade de direitos e a instituição definitiva do respeito como base das relações sociais nas sociedades modernas.

2.1 O MACHISMO COM FORMA DE LINGUAGEM E ATO DE FALA

O conceito de “ato de fala” foi abordado pela primeira vez nos estudos do filósofo britânico J. L. Austin em sua obra “How to Do Things with Words”, que traduzida para o português significa “Como Fazer Coisas com Palavras”. O autor defende que um conjunto de palavras produzidas por um falante não são capazes apenas de realizar representações de mundo, como também são formas de realizar determinadas ações. Entre os atos sociais que se fazem falando, podemos citar *mentir, prometer, jurar, testemunhar, palestrar*, etc.

Outro estudo na mesma temática foi desenvolvido por Jhon R. Searle, no livro “Atos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem”. Nesta obra, o autor discute as introduções teóricas de Austin e acrescenta considerações sobre possíveis consequências que a produção dos atos de fala podem desencadear.

Nos preceitos dos autores, quando o ser humano “fala” ele produz o que podemos chamar de “atos ilocucionários”, que são afirmações, perguntas, manifestações, pedidos etc.

De uma forma mais objetiva, podemos definir os atos de fala como:

Ato de fala (speech act) – uma tentativa de fazer alguma coisa simplesmente falando. Há uma quantidade de coisas que podemos fazer, ou tentar fazer, apenas falando. Podemos fazer uma promessa ou uma pergunta, ordenar ou exigir que alguém faça alguma coisa, fazer uma ameaça, dar nome a um navio, declarar duas pessoas marido e mulher, e assim por diante. Cada uma dessas coisas é um ato de fala específico. (TRASK, 2004, p. 42)

A partir das considerações de Trask, percebe-se que os atos de fala vão mais além da fala em si: eles são uma realização social em lugar, uma situação etc. Portanto, um ato de fala só pode ser compreendido com tal em relação com as circunstâncias vivenciadas pelos seus interlocutores.

Os estudos citados anteriormente se assemelham ao que Ferrarezi introduz sobre a questão da construção de cenários dentro da mente do ser humano, mais especificadamente, a forma com que este trabalha na construção e na atribuição de sentidos para a compreensão da linguagem e, por consequência, dos atos de fala.

Tal “fenômeno” ocorre porque:

(o contexto) somente se plenifica, somente se especializa, no extralinguístico (o cenário), como dito anteriormente, e o extralinguístico..., se sobrepõe decisivamente sobre o linguístico (que é parte integrante do evento e é desta forma, ou seja, em relação direta com o evento, compreendido pelos falantes), determinando a leitura que os interlocutores fazem da fala um do outro. (p.26)

Retornando às pontuações de Austin, o autor defende que é possível identificar a realização de uma ação (um ato de fala) a partir do ato de falar. Ele aponta que também é possível diferenciar três fases dos atos de fala. São eles:

- O locucionário (produção de sons que pertencem a um vocabulário);
- O ilocucionário (quando qualquer coisa é dita em uma situação real);
- O perlocucionário (quando o ato se realiza e dá lugar a efeitos).

Searle defende também que:

Se considerarmos a noção de ato ilocucionário é preciso também considerar as consequências ou efeitos que estes têm sobre as ações, pensamentos ou crenças dos ouvintes. Por exemplo, ao sustentar um argumento, podemos persuadir ou convencer alguém; se o aviso de qualquer coisa, posso assustá-

lo ou alarmá-lo, pedindo alguma coisa, posso levá-lo a fazê-la; informando-o posso convencê-lo (*esclarecê-lo, edificá-lo, inspirá-lo, fazê-lo tomar consciência*). (1984, p. 37)

Em outras palavras, o que é consequência dos atos de fala não é primordialmente calculado por seus falantes. Se uma ação é ou não proveniente daquilo que foi dito, fica a critério daquele que recebe o pedido, o esclarecimento, o alarme, ou, no caso do objeto de estudo deste trabalho, um insulto expresso em uma postagem de rede social.

Com as diversas perspectivas apontadas, podemos considerar que o falante ao realizar um ato de fala em que, em seu conteúdo e conceito, está presente o machismo, constitui uma ação ilocucionária. Mesmo que não seja admitida a responsabilidade sobre o que foi falado ou escrito, uma intenção está presente, mesmo que esta fica “escondida”. Mesmo que se queria justificar que foi uma “brincadeira” ou mero “palavrório” de rede social um tipo de agressão está presente e pode ser compreendida pelas demais pessoas com base na leitura do evento e dos cenários criados a partir do conjunto das postagens.

Dessa forma, é claramente perceptível que o machismo toma parte em uma forma de linguagem e seus significados são provenientes de uma cultura ideologicamente marcada por uma visão distorcida de mundo.

Ou seja, é possível entender que os preconceitos presentes no mundo estão relacionados, de maneira direta, com a cultura e com visão de mundo de indivíduos e de sociedades que alimentam o conteúdo de suas falas.

Pretende-se desenvolver com este trabalho, a hipótese de que a expressão do machismo em redes sociais não é apenas um conjunto inócuo de “sons a serem ouvidos ou lidos na Internet”, mas que essas expressões se constituem como atos de fala, logo, como atos sociais passíveis de responsabilização, pois se constituem como agressões, prejudicam a convivência social sadia e respeitosa entre seres humanos e, no caso do presente estudo, degradam a liberdade feminina nos espaços virtuais.

3. BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE E DA METODOLOGIA

“A distinção é importante. As mulheres nunca se tornaram “coisas” nem eram assim percebidas. As mulheres, não importando quanto tinham sido exploradas e sofrido abusos, conservaram seu poder de ação e escolha na mesma proporção – com frequência limitada – que os homens de seu grupo. Mas as mulheres sempre, e até os dias de hoje, viveram em estado relativamente maior de falta de liberdade do que os homens.”. (LERNER, 2019, p.352).

É importante ressaltar que, durante muitos anos, a figura da mulher ficou escondida e atrelada à figura do homem. Hoje em dia, pode-se considerar que, com a evolução social do mundo, muitos dos hábitos antigos, superstições, crenças etc., ficaram para trás. Contudo, muitos preconceitos advindos dessas épocas passadas ainda estão presentes nos dias atuais. Muitos deles atuam de forma estrutural, descendem da cultura e manifestam-se em diversas formas: nos gestos, na fala, na escrita, por meio de restrições sociais etc.

O machismo, como vimos, é parte de uma história e está presente nos dias atuais. É extremamente preocupante o quão prejudicial é a sua presença na vida das mulheres. Muito deste preconceito pode acontecer nas ruas, em casa ou até mesmo no trabalho. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2018, o salário das mulheres era equivalente a 79,5% do salário dos homens, considerando que, trabalhavam a mesma quantidade de tempo e nas mesmas funções.

Nas mídias sociais, tamanho desrespeito não é diferente e ataques à dignidade feminina são realizados todo o tempo. Pessoas agem de forma indevida atacando mulheres sem nenhuma justificativa

Hoje, a internet é um ambiente de interação ao qual, em que a grande maioria, os indivíduos têm acesso e dele usufruem em seu cotidiano, seja para trabalho, como meio de informação, de lazer etc. Desta forma, as ocorrências de expressões de machismo acontecem com grande frequência e é relativamente fácil encontrá-las. Basta localizar uma mulher com um perfil público que se encontrarão comentários como, por exemplo: “*Lugar de mulher sempre foi e sempre será no lar. Qualquer coisa que fuja disso é uma afronta a sua natureza!!! Lamentável...*”.

Como já vimos, muitos ainda julgam que o lugar das mulheres é na cozinha, no lar, cuidando da casa ou dos filhos. Caso aconteça o contrário, as mulheres se tornam culpadas pela maioria dos problemas ocorridos no mundo. A criminalidade, a violência, os “desvios” de sexualidade e outros problemas de natureza social são comumente atribuídos às mulheres

que “não criaram direito seus filhos”, como se a criação de filhos fosse apenas um ato de maternidade e não, igualmente de paternidade. Na verdade, uma visão materno-paternal da criação dos filhos é enfaticamente rejeitada por grande parte dos homens de visão machista.

É importante frizar que o machismo assombra as mulheres desde o seu nascimento: são incontáveis as regras de comportamento, é exigido, a todo o tempo, que elas se comportem de maneira “feminina” e adequada, segundo a qual há uma forma para se sentar, para falar, para gesticular, para se vestir, para andar... Elas devem aprender os afazeres de casa ainda crianças, suas roupas não podem ser “extravagantes”, o modo de se portar não tem que ser muito exagerado e nem muito tímido, elas não podem ficar solteiras por muito tempo e nem ter vários namorados ou maridos, pois todos esses fatos podem destruir sua imagem feminina perante a sociedade. Logo, caso ela não siga essas regras, ela vai ser julgada, por onde passa.

A autora Gerda Lerner argumenta que as mulheres acreditavam que sua jornada na Terra deveria ser vivida através da vida do homem: primeiro eles, os filhos, a casa e, só depois, teriam um tempo para si ou poderiam atribuir alguma importância a delas.

“Nunca houvera nenhuma mulher ou grupo de mulheres vivendo sem proteção masculina, pelo que a maioria das mulheres sabiam. Nunca houvera nenhum grupo de pessoas como elas que tivesse feito qualquer coisa significativa sozinho. As mulheres não tinham história – assim disseram a elas, e assim elas acreditaram.”. (LERNER. p. 361, 362).

Em outras palavras, a análise de expressões atuais de machismo só pode ser corretamente realizada à luz de uma visão histórico-antropológica das relações sociais entre homens e mulheres. É na construção social da visão de mundo hegemônica em uma determinada comunidade que se ancoram as visões de mundo da maioria das pessoas. Se a história de humanidade é masculina e se as mulheres sempre ocupam locais secundários, essa visão deturpada acaba criando um quadro igualmente torto da imagem feminina que, ao final, é incorporado pelos indivíduos de uma sociedade, indistintamente de seu sexo.

Essa ideologia de que as mulheres vivem suas vidas através dos homens, embora combatida dia após dia, ainda existe em ditos como “por trás de grande um homem, há sempre uma grande mulher”. Essa persistência cultural da desigualdade entre homens e mulheres exige que um trabalho educacional sistemático seja realizado como política pública de igualdade, uma educação em que se busque a formação de uma visão de equidade entre os sexos, direitos iguais, respeito mútuo sobre o corpo, vivência e essência do outro.

Hoje em dia, a Internet é fonte de renda para inúmeros usuários. Muitas mulheres

trabalham com as mídias sociais e são diversos os nichos: saúde, beleza, moda, cultura, ciência, entreterimento, arte e artesanato, culinária, cuidados físicos e psicológicos etc. A ocupação social e profissional desses espaços, obviamente, amedronta quem tem uma visão desigual dos direitos entre homens e mulheres. Esta é uma das razões da expressão incessante do preconceito machista.

Indubitavelmente, tal preconceito perturba e silencia muitas mulheres, pois na Internet é fácil julgar o outro e por em evidência todo o preconceito existente em nossa cultura, infelizmente, sem pensar nas consequências que se gera ao próximo. Dentro do universo virtual é comum que as pessoas achem que têm poder sobre as outras, pois é muito fácil opinar sobre algo de alguém que não está a sua frente. Esse é o chamado “empoderamento pelo anonimato”, com base em que uma pessoa, considerada ali “impessoal” e “apessoal”, se vê livre e estimulada a expressar as mais grotescas opiniões e das mais violentas formas. Para isso apenas são necessários um aparelho celular conectado à rede, os aplicativos e os alvos, ou seja, as pessoas a quem serão dirigidos todos os comentários.

A sensação de impunidade que o mundo virtual gera, por sua vez, é uma das razões pelas quais a maioria dos indivíduos tem preferência por expressar suas ideias polêmicas no mundo virtual e não no mundo real. Logo, muito do que é vivenciado em termos de preconceitos e atos de violência, fraudes e golpes de todos os tipos, entre outros crimes, acontece dentro das redes sociais.

Da mesma forma, a facilidade na comunicação e a sensação de impunidade que um pretenso anonimato das redes causa aos indivíduos, colaboram juntamente com o atos como o “cancelamento” e o “linchamento virtual”. De fato, tais atos têm aumentado cada dia mais, vinculados com as coisas mais banais até com as mais estúpidas. É como se quaisquer insatisfações sobre qualquer tipo de coisa (uma roupa de que não se gostou, uma comida que não se come, um programa de TV que não se assiste, um livro que não se recomendaria a leitura etc.) fossem uma justificativa plausível para uma agressão. Em outras palavras, o pretenso anonimato e a sensação de impunidade que redes sociais suscitam nos usuários (e o conseqüente falso empoderamento que elas alimentam) aumentam a interferência do *EGO* sobre os julgamentos, o que costuma distorcer a atuação do *SUPEREGO*, gerando manifestações discursivas que beiram a irracionalidade. Assim sendo a análise discursiva dessas manifestações precisa incluir três dimensões mínimas:

- a. a linguística;
- b. a cultural; e

c. a psicossocial, pois é nesta que as distorções perceptuais que as redes sociais causam aos usuários são potencializadas na forma de expressões de preconceito e ódio.

O pior a considerar é que todas essas manifestações podem circular na internet em minutos e atingir um número absurdo de pessoas, de uma maneira que não podemos calcular e nem medir as consequências geradas.

As famosas “Fake News” provam o tamanho do poder que a internet tem sobre as pessoas. Estima-se que 44% dos brasileiros recebem notícias falsas em seus aparelhos celulares diariamente. Com as manifestações machistas, isso não é diferente. E, sabendo-se que as mulheres são o maior público dessas mídias sociais, não é possível calcular o tamanho exato dos efeitos dessa discriminação, ainda mais em se considerando que nem todas as mulheres denunciam e contabilizam as agressões que sofrem.

No livro “Tolerância”, de Roger-Pol Droit é evidenciado que a *tolerância forte* deve “reconhecer aos outros o direito de pensar o que pensam, ser o que são, fazer o que fazem” (p.27), mas respeitando o seu próximo da maneira mais empática possível e diferenciando as opiniões racionais dos linchamentos, discriminações e desrespeitos.

3.1. METODOLOGIA DE PESQUISA

Como já visto, o objetivo principal deste trabalho é analisar as manifestações de machismo por expressão linguística ocorrentes nas mídias eletrônicas. De maneira mais específica, serão pontuadas as diversas formas em que pessoas que utilizam essas redes sociais atacam mulheres através desse tipo de discriminação.

Para realizar esta análise, serão introduzidos estudos desenvolvidos através da Semântica Cultural, pontuadas no livro “A Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários” de Celso Ferrarezi Júnior.

Juntamente com o que é tratado na obra, pode-se considerar que tais comentários são “*implicações ideológicas do procedimento de construção do texto e atribuição dos sentidos*”, é importante que possamos entender que esses comentários são provenientes da influência de aspectos ideológicos e de uma cultura introduzida e enraizada nos brasileiros.

Inicialmente, foram coletadas declarações dentro das mídias sociais, nas quais os sujeitos se portam de forma machista e expressam esse tipo de preconceito contra as mulheres. Para analisar esses “discursos”, serão utilizados, os métodos de pesquisa bibliográfica e documental, provenientes do levantamento das obras estudadas para a

realização da pesquisa.

A abordagem utilizada dentro do trabalho é qualitativa, pois, notoriamente, trata-se de aspectos subjetivos e dificilmente quantificáveis, a menos que o interesse fosse quantificar ou porcentualizar essas ocorrências nas redes, o que não é o caso. Portanto, o trabalho centra-se na explicação e na análise de relações sociais e de casos específicos.

Para a execução do projeto, serão seguidos os seguintes passos:

– Exploração e seleção do material bibliográfico e o levantamento de referências teóricas publicadas e analisadas;

– Coleta de postagens com manifestações machistas retiradas das mídias eletrônicas, recorrendo a fontes mais diversas e dispersas;

– Para a coleta de dados da pesquisa, foi efetuada a cotização de informações em suportes dentro das redes sociais, como por exemplo, Instagram e Facebook.

Após a seleção do material recolhido, será efetuada uma análise, tendo-se em vista os objetivos do projeto. Particularizadamente, serão citadas as obras escolhidas para a construção da pesquisa, para que este trabalho não seja somente desenvolvido através de uma opinião particular.

Posteriormente será realizada a amostragem do que foi recolhido durante esses meses de estudo, através de *print screens* recolhidos recentemente, com o intuito de evidenciar que o machismo ainda é presente nas mídias sociais.

Para os fins da pesquisa, foram recolhidos comentários de cunho machista direcionados a mulheres, depositados em perfis femininos nas redes pesquisadas. Tais manifestações serão analisadas lexical, sintática e figurativamente em busca de elementos que manifestem aspectos ideológicos e culturais do machismo, e isso de forma crítica, com principal intuito de evidenciar que há uma luta silenciosa presente nas mídias sociais, enfrentada por diversas mulheres em seu cotidiano.

4. ANÁLISE DE MANIFESTÇÕES MACHISTAS DENTRO DAS MÍDIAS SOCIAIS: A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS



A postagem acima se refere ao jogo FIFA, de futebol britânico, um dos mais populares entre homens. Em 2015, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA), proprietária dos direitos do jogo, anunciou que incluiria times femininos no arsenal de possibilidades do game. Vários portais de Internet noticiaram aquilo que foi considerado uma vitória internacional das mulheres, como o fez o Portal G1:

28/05/2015 10h52 - Atualizado em 28/05/2015 12h48

**“FIFA 16’ TERÁ TIMES FEMININOS PELA PRIMEIRA VEZ;
VEJA TRAILER DO GAME**

Jogador poderá escolher entre 12 seleções nacionais, como Brasil e EUA.

Game chega em 22 de setembro para XOne, Xbox 360, PS4, PS3 e PC.

Do G1, em São Paulo

A Electronic Arts anunciou nesta quinta-feira (28) que o game “Fifa 16” terá times femininos pela primeira vez na história da franquia de jogos de futebol. Os jogadores poderão selecionar entre 12 seleções nacionais, como Brasil, Alemanha, Estados Unidos, Suécia, Inglaterra, Canadá, Austrália, Espanha, China, Itália e México.

As equipes femininas poderão jogar apenas entre si. No vídeo de apresentação, uma jogadora diz o que parece resumir a estratégia da EA: “Nós não estamos aqui para assistir. Nós estamos no jogo”.

Como se pode ver, a incursão de mulheres pelo futebol, o “másculo esporte bretão”, por si só, já é um avanço na igualdade de direitos. Mas, sua inclusão em um ambiente virtual por décadas exclusivamente masculino parece ter sido a gota d’água para o “Alexandre”, que é como se apresenta o autor da postagem em análise. Em seu comentário, ele desfaz das mulheres dizendo que, junto com a inclusão das seleções femininas, a Eletronic Arts (empresa que produz o tradicional jogo para a FIFA) também incluiria o modo (em games, “modo” é uma forma padronizada como o jogo é jogada) “passar roupa”.

Nessa postagem, vemos que a seleção vocabular relacionada ao machismo inclui:

a. passar roupa – é uma expressão relacionada aos afazeres domésticos. Com seu uso, o autor quer evidenciar que o futebol não é ambiente para mulheres (sim, é um jogo muito “másculo”...) e que elas deveriam ficar em casa cumprindo seus afazeres domésticos;

b. as mulheres – o autor não diz “as jogadoras” nem “as atletas”, mas “as mulheres”. Isso denota que, mesmo em seleções nacionais de futebol, as mulheres nunca deixarão de ser mulheres. É uma óbvia referência à pretensa inferioridade feminina diante dos homens;

c. disputar – essa palavra se relaciona à visão distorcida de que as mulheres estão sempre disputando entre si para ver quem é a mais bonita, a mais eficiente ou lutando por homens. Se refere à ideia de que mulheres são desocupadas e, portanto, têm tempo de sobra para disputar quem passa mais roupa;

d. arduamente – é, evidentemente, uma ironia. Diz respeito ao fato de se crer que o trabalho das mulheres é leve e não exige grande esforço. Assim, disputar “arduamente” o passar de roupas é uma forma de dizer que “passar roupas” é coisa menor importância que exige nenhum ou quase nenhum esforço;

e. passar mais – complementa a ideia de disputa que se atribui às mulheres. Como elas pretensamente vivem a disputar entre si, uma disputa entre mulheres não pode ser sobre quem faz mais gols em um jogo, mas sobre quem passa mais roupa.

No campo da construção da postagem, por sua vez, podemos ver que “passar roupa” vem em um apostrofo e com letras maiúsculas. Em linguagem de Internet, letras maiúsculas implicam estar gritando, rindo alto ou zombando de alguém. Essa escolha por parte do autor indica que, em sua visão de mundo, passar roupa é a única coisa que

um time de mulheres poderia fazer.

Já no campo da figuratividade, o autor cria uma analogia ofensiva entre times de futebol (sempre masculinos, de atletas e muito valorizados) e grupos de mulheres que ficam em casa fazendo os trabalhos domésticos (quem sabe, a mãe e as irmãs do Alexandre...). Para ele, é evidente que as mulheres que realizam trabalhos domésticos cumprem um papel social no qual deveriam se divertir e se sentir plenamente realizadas, pois se trata, na verdade, de uma disputa pessoa para ver quem pode mais.

Como um todo, a postagem denota enorme influência cultural da ideia de que, às mulheres, só cabe o trabalho doméstico e nunca a ocupação externa de campos sociais tidos como tipicamente masculinos, entre os quais os dos esportes de contato. Provavelmente, Alexandre enxerga as mulheres pelos olhos da visão tradicional e machista de submissão, conformismo e ignorância das “Amélias”, como dizia a antiga seresta de Aaulfo Alves:

Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher
... Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer?
... Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era a mulher de verdade
... Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era a mulher de verdade

A próxima manifestação, também se enquadra em críticas relacionadas a mulheres que ocupam lugares em que, durante muito tempo, apenas os homens tinham direito ao acesso.



A imagem foi retirada de um vídeo postado no YouTube, em que uma aluna da RenovaBR, expõe comentários machistas que recebeu após divulgar sua participação na Commission on the Status of Woman, Comissão sobre a Situação da Mulher em que consta o quadro funcional do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Esse projeto tem como intuito promover a igualdade de gênero e elencar discussões sobre o empoderamento feminino.

No vídeo, a aluna Fabiana mostra seus diversos projetos desenvolvidos no Brasil e comemora sua participação em uma comissão tão importante, não só como mulher, mas, como uma brasileira que alcançou tal objetivo através de todo o seu estudo e esforço.

Contudo, sua presença na comissão não agradou a diversas pessoas. Ela recolheu inúmeros comentários e os expôs no vídeo como forma de protesto, zelando por sua integridade e evidenciando o quão importante era para o Brasil a sua presença no projeto.

O vocabulário de cunho machista presente na postagem inclui:

a. Mulher: mais uma vez, a palavra “mulher” aparece com a intenção de ofensa, como se ela não merecesse estar presente na comissão da ONU. Por “mulher”, todos os seus esforços como estudante são anulados, todos os projetos que desenvolveu foram desconsiderados e sua presença se torna inadmissível em uma Organização tão importante como a ONU.

b. “é o fim do mundo!”: o autor do comentário utiliza de uma metáfora para anunciar sua decepção e seu “espanto” perante a presença da Fabiana em um ambiente deliberativo tão importante. É evidente que a pessoa nem se esforçou para pesquisar o que tal projeto significa. Ignorou a história da Fabiana e a desprezou, antes de entender qual era o porquê de sua presença no instituto.

Basicamente, neste comentário, fica evidente que o falante achou uma ideia absurda a presença de mulheres na ONU, sendo que a própria organização desenvolve e promove inúmeras campanhas que combatem a violência contra a mulher, como por exemplo:

A ONU Brasil promove, entre 20 de novembro e 10 de dezembro de 2021, a edição anual da campanha do secretário-geral da ONU “Unase pelo Fim da Violência contra as Mulheres”. Desenvolvida desde 2008, ela apoia os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra Mulheres e Meninas. Neste ano, a iniciativa completa três décadas de mobilização internacional. Em todo o mundo, a ONU está abordando

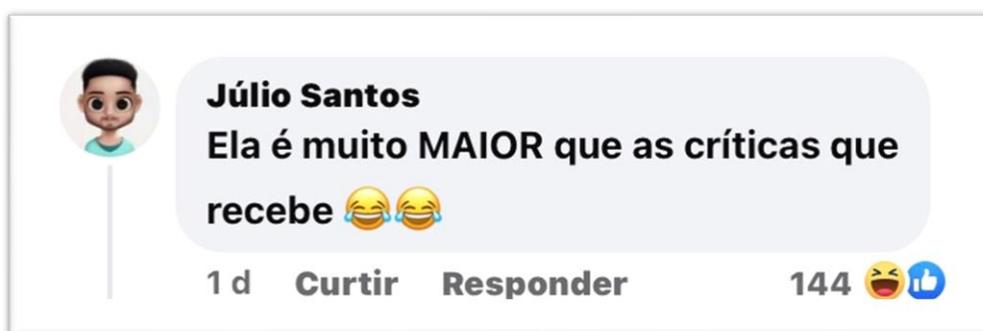
o tema: “Pinte o mundo de laranja: fim da violência contra as mulheres, agora!”.

O próximo comentário foi retirado do Facebook e é extremamente importante entender em quais circunstâncias ele ocorreu, para entender o que o autor da discriminação quis induzir ao depositar tais palavras em uma publicação.

A autora da publicação em que este comentário foi depositado é uma influencer que decidiu iniciar um projeto de emagrecimento: portanto, se trata de uma mulher gorda. Ela recebeu diversas críticas relacionadas ao seu corpo após o anúncio feito na internet e, para lidar com essas críticas, ela as expôs na rede social.

Seu intuito inicial era relatar o quão injustos eram todos aqueles comentários que estava recebendo. Contudo, ao trazer esta luta para uma rede social tão grande, os comentários aumentaram e tiveram um peso muito maior no processo tão delicado pelo qual estava passando.

Um dos comentários depositados é de uma ironia pela qual um seguidor quis realizar um “trocadilho”, relacionando o peso da influencer com o tamanho da ofensa presente nas críticas recebidas.



No presente comentário, é possível identificar diversas palavras provenientes do vocabulário que evidencia uma visão machista. São elas:

a. muito MAIOR que: nota-se a presença de uma figura de linguagem, a hipérbole, usada para demonstrar exagero sobre algo. Normalmente, quando dizemos que alguém “é maior que um problema”, porém, queremos ressaltar algo positivo em relação a essa pessoa. Queremos dizer que a pessoa é forte e tem condições de resolver o que se põe diante dela. Mas, na frase do Júlio Santos, o que essa hipérbole constrói é uma ironia em relação ao seu tamanho corporal, ainda mais evidente pelo fato de a palavra “maior” estar em maiúscula. Com esse tipo de construção de linguagem, o autor conota que as críticas que a mulher recebeu são pequenas em comparação ao tamanho

corporal, ao seu peso.

Ou seja, Júlio Santos não apenas exclui e despreza todos os problemas de saúde, emocionais, sociais etc. enfrentados por pessoas obesas em um país preconceituoso como o Brasil, como também a luta vivenciada por uma mulher gorda, no mesmo momento em que potencializa a ideia de que seu sofrimento é justificável. É algo de uma crueldade incomum mesmo em redes sociais.

Júlio Santos, assim, une dois preconceitos: contra obesos e contra mulheres, o que é esperado – embora não aceitável – em um país em que mulheres obesas são muito mais desprezadas que homens obesos. Veja-se, a título de exemplo, que, na festa popular mais importante do país, o Carnaval, o rei é um homem obeso, aclamado por todos, que desfila de cetro e roupa real em um carro alegórico, enquanto a rainha é uma mulher magra, de corpo “escultural”, que desfila no chão, e cujas “princesas” desfilam à frente das baterias das escolas de samba em uma louvação da mulher magra de corpo culturalmente “perfeito”, a chamada “mulher brasileira”. Será mesmo que toda “mulher brasileira” tem esse formato corporal? Se for mais magra, “sem bunda” ou “sem cintura”, se for deficiente ou mais gorda, se não souber sambar, não será uma digna mulher brasileira? Será que Vinicius de Moraes estava certo quando escreveu “Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental.”? Afinal, o que é a beleza em um ser humano? Seu lado exterior apenas?

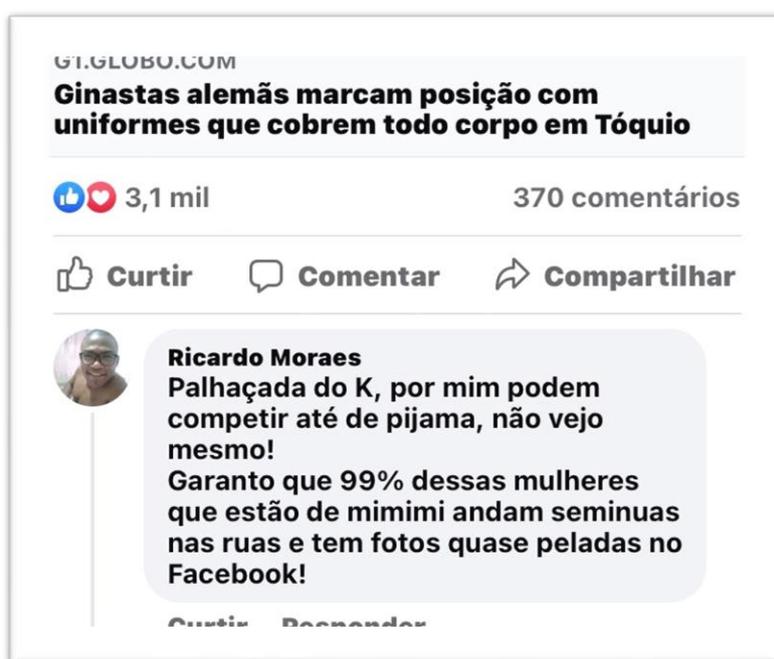
O próximo comentário a ser analisado foi depositado, também, em um post do Facebook. Trata-se de uma publicação que relata um protesto realizado por ginastas olímpicas durante as Olimpíadas de Tóquio.

Basicamente, o autor do comentário se incomodou com o fato de as atletas não aceitarem vestir *collants* curtos, que expõem seus corpos e causam certo desconforto durante as apresentações. Por isso, elas aderiram um estilo incomum, nunca utilizado anteriormente, cobriram todo o corpo e realizaram uma apresentação em forma de protesto político, como é possível observar na notícia a seguir:

O uso de vestimentas de corpo inteiro, conhecidas pelo termo em inglês *full-body suit*, não é proibido na ginástica. Seu uso é previsto no regulamento da Federação Internacional de Ginástica (FIG), com o objetivo de incluir atletas que não podem usar os *collants* cavados na virilha, normalmente por motivos religiosos. Mas, o que as alemãs fizeram hoje foi um posicionamento político....

"Temos a ideia de que cada ginasta deve estar confortável com as roupas que usa e, por isso, criamos essa vestimenta. É muito importante que cada mulher use aquilo que ela quiser", explicou, ao UOL Esporte, a ginasta Pauline Schäfer.... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/22/contra-sexualizacao-ginastas-quebram-tabu-e-se-apresentam-de-calca.htm?cmpid=copiaecola>

O comentário ainda insulta outras mulheres, não só as ginastas que participaram e tiveram a iniciativa do protesto, este está presente:



Os indícios de machismo podem ser localizados a partir das palavras:

a. palhaçada do K (do K, significa “do caralho”, forma grosseira de adverbializar de forma hiperbólica): essa caracterização do protesto o transforma em coisa de palhaços, em piada. Enfim, tenta tirar o valor sério e contundente do ato das atletas;

b. mimimi: anula todo o processo que as ginastas enfrentaram para conquistar seus lugares como atletas e toda a luta por respeito e transformam um ato em coisa de gente frustrada que fica reclamando de qualquer coisa como criança. Assim, se conota que o protesto não é coisa de adulto, mas mimimi de gente que não tem do que reclamar. Pior do que isso é que o termo “mimimi” foi recentemente elevado a palavra de ordem bolsonarista no país contra todos aqueles que ousam reclamar de injustiças ou de problemas reais. Chegou a ser usado contra pessoas que pediam a vacinação preventiva contra a COVID-19.

Pelo seu ato, as atletas queriam evidenciar que o esporte que praticam não é só para mostrar corpos, mas sim, como outros esportes, é um processo político que deve ser debatido o tempo todo. Com o protesto, elas conseguiram visibilidade para problemas desenvolvidos por meninas que passam pela puberdade e enfrentam desafios relacionados aos códigos de vestimenta, bem como levantar o direito à preservação de sua imagem e valores morais;

c. andam seminuas e tem fotos quase peladas: utilizando essas palavras, Ricardo Moraes, autor do comentário, evidencia que o protesto deve contraditar com o comportamento geral das atletas (algo que ele adivinhou...). Para ele, aparentemente, toda atleta de ginástica deve ter o costume de se expor imoralmente nas ruas e nas redes sociais. Assim, o ato de protesto seria apenas um aproveitamento oportuno da visibilidade dos jogos para “lacrar”. “Lacração” é o termo como pessoas de comportamento extremo-direitista se referem a atos de protesto de mulheres e minorias e combina muito com “mimimi”.

Assim, embora os *collants* usados pelas ginastas as exponham e possam trazer sensação de desconforto em relação ao corpo e à visão moral das atletas, o comportamento delas não teria um valor real, existencial, mas seria uma forma de hipocrisia. Sobre o protesto, uma das atletas anuncia que elas têm o direito de se sentirem desconfortáveis e exigir mais apoio e compreensão política. Como pode observar a entrevista concedida:

"Para nós, foi importante acima de tudo atingir as jovens atletas, porque muitas vezes elas não querem continuar no esporte durante a puberdade devido ao código de vestimenta. Queremos mostrar a elas que nós, atletas de competição, também usamos isso e podemos nos apresentar dessa maneira e que todos devem decidir o que querem vestir"...

- Veja mais em

<https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/22/contra-sexualizacao-ginastas-quebram-tabu-e-se-apresentam-de-calca.htm?cmpid=copiaecola>

d. competir de pijama: quem passa o dia de pijama ou trabalha de pijama ou é vagabundo ou está de férias. É uma concepção comum não apenas no Brasil. Ao dizer que as atletas poderiam competir de pijama, o autor deixa evidente que não considera o que elas fazem uma forma de trabalho. Assim, conota que a prática desportiva de mulheres é sem valor algum.

e. não vejo mesmo: na mesma direção, ao dizer que não vê mesmo, Ricardo Moraes deixa passar a ideia de que ginástica artística é coisa de mulher, ou, para retomar mais uma infeliz frase do ex-presidente Bolsonaro, “coisa de maricas”. Logo, ele despreza o esporte, despreza suas praticantes (sim, ginástica artística é um esporte ainda exclusivamente feminino) e não gasta tempo com isso - embora esteja gastando tempo para fazer comentários preconceituosos sobre uma notícia que envolve exclusivamente a ginástica artística. Contraditório isso? Provavelmente. Disso conclui-se que o autor deve assistir só ao futebol britânico: isso sim, “coisa de macho”, mas que se interessa por notícias que envolvam mulheres de *collant*...

O próximo e último relato de uma manifestação machista nas redes sociais que analisaremos aqui, se trata de um caso de grande repercussão e que resultou em algo extremamente injusto. Para entender o contexto do que foi desenvolvido dentro dos comentários, é necessária uma introdução dos fatos acontecidos na época.

O comediante Windersson Nunes era casado com a cantora e compositora Luísa Sonza. Contudo, depois de um certo tempo juntos, o relacionamento dos dois chegou ao fim, algo que, infelizmente, não é incomum em ambientes artísticos. Luísa contou que, durante o período em que ela esteve com o comediante, ela sofria diversos ataques dentro das redes sociais, era julgada como interesseira e sua carreira sempre foi escondida e comparada com a de seu ex-marido. Vale compreender que, na época, Windersson estava despontando como um dos maiores comediantes do país e ganhava muito dinheiro por isso e que Luísa estava no início da carreira, ainda sem ser muito conhecida. Logo, seu casamento com o comediante foi interpretado, por muitos, como uma espécie de “golpe do baú”.

Contudo, após o término do relacionamento, Windersson assumiu outro relacionamento, desta vez, com Maria Lina, com quem teve um filho. Infelizmente, por complicações na gravidez, a criança acabou vindo a óbito logo após o seu nascimento.

Com a repercussão do caso, Luísa Sonza acabou sendo julgada como culpada pela morte do bebê, como é possível notar nos comentários feitos em publicações postadas pela cantora:



Com os diversos comentários que recebeu, a cantora Luísa Sonza deixou o seguinte desabafo em suas redes sociais:

“A vida da mulher, independente das escolhas é sempre um inferno. Somos atacadas por absolutamente TUDO. Se você escolhe sua carreira você é atacada. Se você escolhe família, também. Absolutamente qualquer coisa em qualquer âmbito da vida, ou até mesmo nas vezes em que nem sequer escolher, a responsabilidade e a ‘culpa’ cai sobre nós. A sociedade odeia a mulher, não importa onde ela esteja. Se um dia eu contasse tudo que já passei (o que vocês veem na internet é a ponta do iceberg), provavelmente vocês não acreditariam na metade. Torço muito pra que ela fique bem e saiba lidar com tudo com muita sabedoria, maturidade e amor, porque não é fácil. Felicidade e muito, muito amor à família!”.

A partir dos comentários retirados de publicações do perfil de Luísa, é possível identificar a presença do machismo quando se diz sobre ela:

a. biscoiteira: palavra utilizada dentro das redes sociais para definir pessoas que tem a intenção de chamar a atenção de outras pessoas para atitudes consideradas inadequadas e sujas. No caso de Luísa, o autor do comentário define que a morte do bebê de Windersson Nunes faz parte de um jogo criado pela cantora ou, basicamente, que ela estava ganhando algo em troca da perda uma vida inocente.

b. sem caráter: a índole da cantora foi julgada sem qualquer prova após o acontecido com a criança, sendo que a causa da morte foi natural em decorrência de uma complicação desenvolvida durante a gravidez de Maria Lina. Porém, aos olhos de fãs de Windersson – que nunca disse que a culpada pela morte da criança fora Luísa,

aliás – ela teria alguma intenção em matar a criança. Afinal, “mulheres são todas ciumentas e não sabem perder”...;

c. arruinar a gravidez para conseguir likes - curtidas: Luísa foi culpada pela morte da criança e por todos os acontecimentos desastrosos ocorridos durante a gravidez de Maria Lina, mesmo a mãe relatando que passou por diversos traumas durante a gestação, ocorridos por indícios naturais, ou seja, mesmo que esta fosse nunca fosse a intenção de Luísa.

Enfim, toda a trama desses comentários sobre uma possível culpa de Luísa na morte do recém-nascido filho de seu ex-marido tem como pano de fundo a ideia de quem uma mulher “trocada” por outra por um homem nunca se conformará e fará todo o possível para destruir a vida do ex. Será que estamos retomando as ideias sobre as mulheres alimentadas no tempo medieval? Só para recordar parte do que já lemos anteriormente:

“Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza? [...] A mulher, que solitária medita, medita no mal. [...]”
(Malleus Maleficarum, p. 115)

Durante toda vida, uma mulher, em quase todo o mundo, enfrenta diversos desafios. São batalhas diárias construídas em meio a sociedades que favorecem e privilegiam a figura masculina. Antes de sair de casa, deve pensar em quais roupas serão mais adequadas para evitar o assédio, desenvolver métodos que as protejam de possíveis atrocidades, muitas vezes, privar-se de algo de que gosta para não desagradar as pessoas que estão a sua volta. Mesmo com todo esse caminho traçado e analisado dia-a-dia, as avaliações machistas de seus atos continuam presentes e são responsáveis por uma culpabilização sem qualquer fundamento: “a mulher nasce culpada por ser mulher”.

Com base nas manifestações recolhidas e aqui analisadas, foi possível identificar que essas manifestações machistas são presentes no esporte, dentro de casa, na televisão, na política, na ciência, no trabalho, nas artes - e por onde quer que uma mulher passe! Ela poderá sempre estar sujeita a passar por situações constrangedoras e não ser tratada com o devido respeito e dignidade, mesmo que vivamos no século da informação.

Por fim, é importante ressaltar que o machismo não só prejudica a vida das mulheres, mas todas as relações humanas existentes. Assim podemos observar na citação retirada do livro “A Criação do Patriarcado”, da autora Gerda Lerner:

“O sistema do patriarcado é um constructo histórico; tem um começo; terá um final. Seu tempo parece estar quase acabando – ele não atende mais às necessidades de homens e mulheres, e, em sua ligação indissociável com militarismo, hierarquia e racismo, ameaça a própria existência da vida no planeta.”. (P.376)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste trabalho, espera-se ele contribua com a discussão do comportamento machista nas redes sociais. Que quem o vier a ler possa perceber como a linguagem é um ambiente de expressão desses valores distorcidos. Que ele, enfim, interfira positivamente na vida das pessoas que hoje utilizam as mídias sociais, para que atentem aos indícios de machismo nas postagens e possam combater essa prática hedionda.

Por mais que pensemos que, com a evolução do mundo e o grande acesso à informação e conhecimento, as pessoas tenham uma visão menos preconceituosa das pessoas e das relações sociais hoje, os fatos apontam, infelizmente, para uma situação contrária.

Assim, elencar que o machismo é um desafio a ser enfrentado por todos nós é extremamente importante, pois primeiramente, como mulher, reconheço o quão grave tal discriminação é na minha vida – e, certamente, na de outras mulheres espalhadas pelo mundo.

Antes de pensar que o machismo é algo distante e antiquado, é necessário pontuar que ele é presente nos dias atuais e prejudica o desenvolvimento de todos os seres humanos, assim como ocorre em relação a todos os outros preconceitos, que devem ser debatidos, enfrentados e, finalmente, banidos pela sociedade.

Com o presente estudo por fim, pretendemos fornecer instrumentos para abordar tais assuntos dentro dos nossos meios de convívio, a fim de diminuir o alastramento de todo o preconceito, prezando pelo respeito, pela igualdade e pela dignidade de todos os seres.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DROIT, Roger. **Tolerância**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

FERRAREZI Jr., Celso. **A Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: Princípios e aspectos metodológicos**. Mercado de Letras, Campinas, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

INSITORIS, HEINRICH. **Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras**. (trad. Paulo Fróes). 21. ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2010.

INSITORIS, HEINRICH. **Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras**. (trad. Paulo Fróes). 21. ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2010.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. 1 Edição Digital. São Paulo. Editora Cultrix, 2019.

PINSKY, Jaime. **12 Faces do Preconceito**. 11. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

Violência contra mulheres: campanha da ONU no Brasil pede vida e dignidade. NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/159309-violencia-contra-mulheres-campanha-da-onu-brasil-pede-vida-e-dignidade>

GOSSIPDODIA
Publicações



GOSSIP DO DIA

Comentários

ver 16 respostas

Jade perfeita ❤️
24min 210 curtidas Responder

☹️ Jade casa comigo
25min 199 curtidas Responder

Jadinha linda, entendeu tudo!
25min 333 curtidas Responder

🔥 Jade: Te venero Jadinha, sensata
24min 152 curtidas Responder

👏 Jade rainha
24min 152 curtidas Responder

Eu penso o msm,
23min 72 curtidas Responder

Jade sensata
25min 1.144 curtidas Responder

Ver 16 respostas

👏 Isso!
23min 31 curtidas Responder

👏 Jade mais uma vez dando aula de empatia e maturidade. 🍌
25min 61 curtidas Responder

👁️ outras pess as

gossipdodia Em conversa com as meninas, @jadepicon comentou sobre o choro de @deonaty_ durante a festa de ontem.
Jade disse que isso pode estar relacionado a outras histórias e outras dores da sister de fora da casa.

Jade: "Mas é que também é um lugar que é cansativo para ela estar! Ela também trouxe dores e histórias de fora que não são a primeira opção nunca. Aconteceu de novo. Não é só culpa, aconteceu. É um gatilho e ela se sente exausta."

📷 Imagem/Reprodução: @bbb | @globoplay | @tvglobol
#BBB22 #GossipBBB22



Amarildo Brilhante Brilhante
É daí que foi uma mulher... só faltava agora querer contar quantos inventos foram feitos por homens e por mulheres. Essa necessidade de querer provar e se autoafirmar é a prova substancial de um vazio interior.

Eu ficaria feliz se dissesse que foi uma brasileira.

Este tipo de destaque só ajuda a segregar e aumentar a guerra dos sexos.

51 sem Curtir Responder 6 🤔 👍



Ieda Teresinha Dalcin

Sou mulher e só acho que estão viajando nesta história de gênero. Que eu saiba na antiguidade sempre homenageavam com Deusas ou Deuses e existe a deusa da cerveja, mas, não tem referência nenhuma do gênero de quem inventou.



Helton Leandro

Ela se conseguiu dizer sim é porque re estava consciente até porque lhe foi perguntado mais de uma vez.

9 h Curtir Responder

12 🙄 👍 ❤️



Kelly Minuzzo

[Helton Leandro](#) engraçado, porque ela disse não por 3x quando ele estava tentando fazer o ato também.

5 h Curtir Responder

18 👍

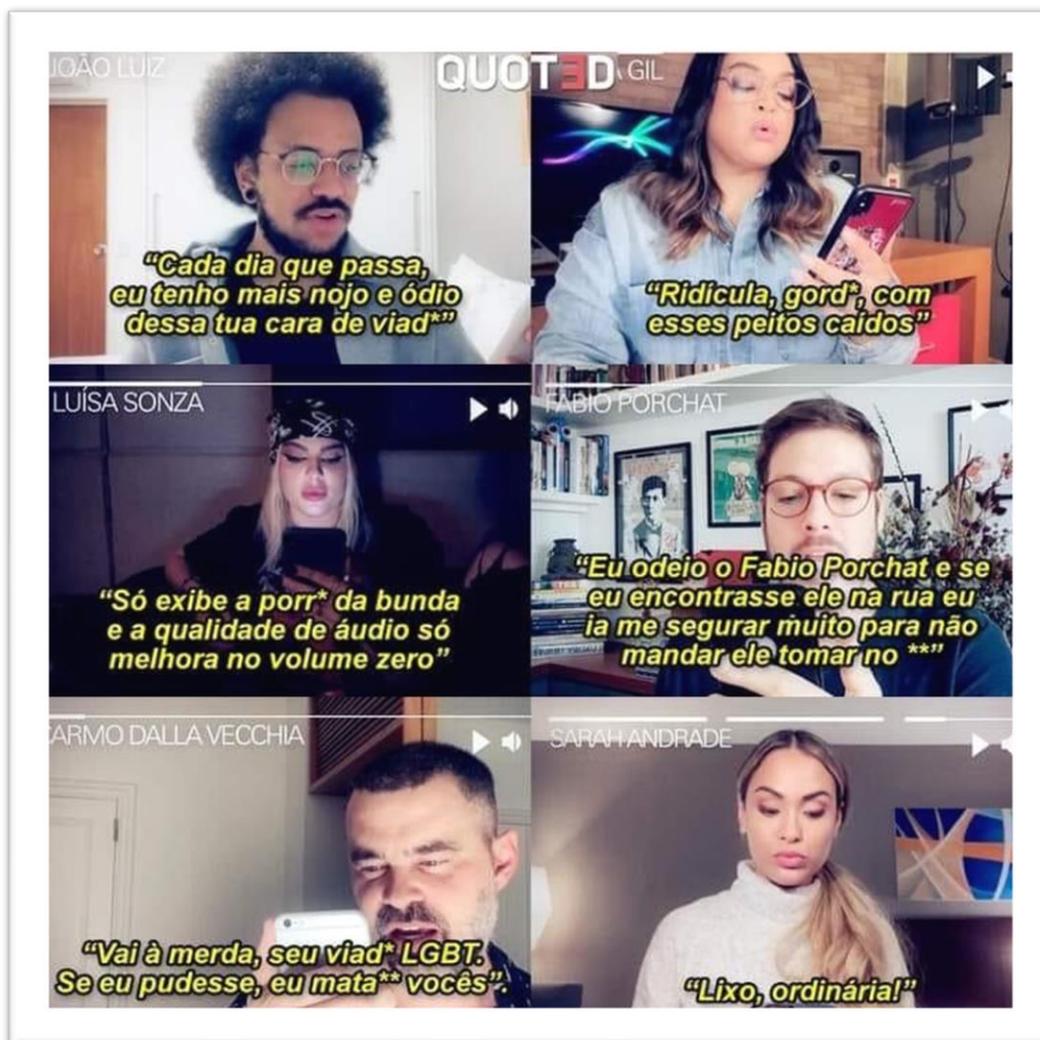


Ynair Melcha

[Helton Leandro](#) releia o post até vc entender. Não é possível...

3 h Curtir Responder

1 👍



Hugo Carlos

Agora pra cantar uma mina tem q ser em mimica 😂😂😂😂😂 ou ela darem em cima ta tudo ao contrário

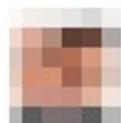
43 min

Curtir

Responder

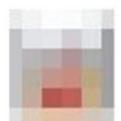
4





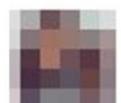
Flavio Não tenho tv a cabo, mas essas transmissões foram tão marcantes que nem no YouTube eu consegui achar!

há 4 horas · [Curtir](#) · [Responder](#)



Rafael Ninguém vai assistir. Mulher tem e que limpar casa .lavar roupa e fazer comida. Nao narrar jogo. Isso ficou p/ Homem

há 13 horas · [Curtir](#) · [Responder](#)



Johnny Hahaha aí **Diogo Pereira Freitas** Só se for campeonato de lavação de Louça